

■ LUNDA-NORTE:

Um património por reconhecer

Lunda-Norte está em festa. Hoje, 4 de Julho, a província, reconhecida pelos diamantes e pela dimensão cultural, celebra 42 anos de existência. Numa altura em que o país e o mundo buscam soluções para evitar a propagação e combater a pandemia da Covid-19, as autoridades da Lunda-Norte pretendem apresentar ao Executivo uma proposta para a inscrição da província como Património Mundial da Humanidade da Unesco, tendo em conta a sua grandeza histórica e cultural no contexto dos povos de Angola



Victorino Matias | Dundo

Como outras províncias, Lunda-Norte procura dar passos céleres para o futuro, sem esquecer o seu passado, reconhecidamente valioso. As autoridades lutam para preservar a estrutura arquitectónica das suas vilas. “A arborização e o verde da relva tratada era a imagem que o Dundo e as antigas vilas construídas pela Diamang tinham a oferecer aos moradores e visitantes das outras paragens do país e do mundo”, sublinha Josefo Fernandes, chefe de Departamento da Cultura e Património Histórico do Gabinete da Cultura, Turismo, Juventude e Desportos da Lunda-Norte.

Com um estilo arquitectónico caracterizado pelo uso de tijolo queimado, as habitações têm também a particularidade de uma ornamentação com espaço verde considerável que lhes conferia uma imagem singular, acolhedora e atraente. Os pormenores do desenho arquitectónico das vilas urba-

nas da Lunda-Norte têm até certo ponto uma dimensão identitária e por isso considerado como um património histórico local.

O início da construção das casas, antes designadas por acampamentos mineiros, está relacionado com a história da descoberta dos primeiros sete diamantes, no riacho Mussalala, afluente do rio Tchiumbwe, Nordeste de Angola. Uma trajectória secular que remonta dos longínquos anos de 1912/1917, ponto de partida da actividade de operações mineiras em Angola.

As residências, na sua maioria de tipologia T2 e T4, foram construídas pela então Companhia de Diamantes de Angola (Diamang) no Dundo (a sede provincial), Nzagi (antiga vila do Andrade), Cassanguidi, Fucauma, Luxilo Cossa, Maludi, Lucapa, Calonda e Cafunfu. As casas tinham sido projectadas para finalidade de albergar trabalhadores da multinacional diamantífera.

O estilo das habitações da agora cidade do Dundo e as

outras vilas urbanas construídas pela Diamang constitui um acervo cultural que carece de preservação. “A nossa preocupação reside hoje no facto de não ter sido preservado”, salientou Josefo Fernandes, que defende a valorização da grandeza do património material e moral dos povos, a julgar pela sua importância na promoção do turismo cultural.

Josefo Fernandes lembrou que existiam na vila antiga do Dundo jardins zoológicos e botânicos que constituíam verdadeiros postais para os visitantes. “Aqueles espaços fazem parte da memória colectiva das populações desta circunscrição, mas infelizmente por falta de interesse e valorização acabaram por desaparecer”, lamentou.

Cultura e Desporto

Lunda-Norte não era só diamantes. A província já foi reconhecida no país e na África Austral pela prática de modalidades como tiro aos pratos e ténis de campo, além das piscinas que tinham

impacto positivo na promoção das actividades olímpicas, proporcionando momentos de lazer e turismo.

As estruturas em referência, segundo Josefo Fernandes, estavam implantadas no Dundo e nas vilas Nzagi, Lucapa e Calonda. Sob olhar das autoridades, os espaços dos jardins zoológicos e botânicos, por exemplo, foram invadidos e substituídos por construções anárquicas

Aldeia Museu

Entre os espaços de amplo valor cultural que a província da Lunda-Norte tinha pelo menos até início da década de 1990, figura a Aldeia Museu, um lugar privilegiado que servia para a transmissão de ofícios, da velha para novas gerações. O recinto, adstrito ao Museu Regional do Dundo, era referência obrigatória, que permitia que os jovens fossem instruídos na arte de tocar instrumentos musicais, como Ngoma e Nguvu (bataques) e a dançar os estilos da Txiana, Makopo, Candoa, Maringa, incluindo aulas de técnicas

de fabrico de esculturas de madeira em estatuetas.

Josefo Fernandes apela ao resgate dos hábitos e costumes da população, como forma de se perpetuar a memória dos ancestrais, passando os ensinamentos da tradição à nova geração. “Em termos de Cultura, nesses 42 anos de existência da província, precisamos recordar tudo de bom que tínhamos, mas que perdemos por culpa da nossa negligência”, disse, para acrescentar: “queremos resgatar o que é nosso de facto, há muita coisa que se perdeu”.

Candidatura a património

À semelhança de Mbanza Congo e pela dimensão cultural, as autoridades da Lunda-Norte pretendem apresentar ao Executivo uma proposta para a inscrição da província como Património Mundial da Humanidade da Unesco.

As autoridades entendem que, tendo em conta a grandeza histórica e cultural no contexto dos povos de Angola,

existem argumentos que justificam a elevação da Lunda-Norte à categoria de património da Humanidade.

Josefo Fernandes indica que foram desenvolvidos trabalhos preliminares, contou o apoio da Universidade Lueji A'Nkonde, com vista ao levantamento e inventariação dos principais monumentos, acervos e sítios que têm a ver com a história dos povos Lunda.

Um dos grandes símbolos da província é a máscara “Mwana Pwo”, que representa a beleza e o encanto das mulheres Cokwe, e o “Samanhonga” (Pensador), peças que mais atraem os turistas que visitam esta região.

A província da Lunda-Norte é constituída por grupos etnolinguísticos os Cokwes, Lundas (Arund), Balubas, Kakhongo, Imbangalas, Bondos e Songos, entre outros, que se revêem no rico folclore e na execução da arte de produção do artesanato, com destaque para as esculturas de madeira e a construção de habitações típicas tradicionais.



■ ERNESTO MUANGALA AO JORNAL DE ANGOLA

“Queremos o desenvolvimento harmonioso para combater as desigualdades”

Governo da Lunda-Norte aposta na revitalização dos antigos perímetros agropecuários da ex-Companhia de Diamantes de Angola,

Lunda-Norte é reconhecida pelo seu potencial diamantífero, mas o impacto da exploração na vida social e económica dos habitantes está longe do esperado. Por isso, as autoridades apostam em projectos fora do sector diamantífero, como agricultura, pecuária e o turismo cultural. Em entrevista ao Jornal de Angola, o governador Ernesto Muangala afirmou que o maior desafio do seu governo tem a ver com o desenvolvimento harmonioso, com vista a reduzir as desigualdades sociais, formar quadros e criar infraestruturas para o crescimento económico da província

Armando Sapalo | Dundo

Que projectos o Governo provincial tem para este ano?

De acordo com a visão estratégica escolhida para a província e com os compromissos assumidos perante a população, os projectos vão ao encontro das grandes áreas de desenvolvimento. Destacamos o desenvolvimento humano e bem-estar das famílias, a redução da pobreza e desigualdades sociais. Portanto, o nosso maior desafio, tem a ver com o desenvolvimento harmonioso. Outra grande área está relacionada com as infraestruturas, como o sistema de produção, tratamento e distribuição de água potável, desde as zonas urbanas, periurbanas até rurais e saneamento básico, por via de serviços adequados de tratamento das águas residuais. Portanto queremos levar água para o consumo e para o sector produtivo. Projectamos, também, a melhoria de acessibilidade e transportes, uma vez que a rede viária da província é de mais de 2.542 quilómetros de extensão de estradas da rede fundamental, para as quais é necessário garantir trabalhos de conservação e manutenção, com vista a assegurarmos a circulação de pessoas, e mercadorias essenciais em toda a província.

Quanto à energia eléctrica?

Sobre o fornecimento da energia eléctrica, existem projectos delineados para a melhoria e aumento da capacidade de produção, desde a reabilitação e construção de redes de distribuição nas áreas urbanas, periurbanas e rurais. A construção de novas centrais hidroeléctricas e térmicas. Destacamos as obras de reabilitação, modernização e reforço de potência do aproveitamento hidroeléctrico do Luachimo de 8,4 para 34 megawatts de energia. Depois de concluídas as obras, além da cidade do Dundo, a central do Luachimo vai, também, levar energia aos municípios do Cambulo e Lucapa, incluindo as localidades de Fucauma, Cassnguidi, Luxilo, N'zagi e Calonda.

A verba atribuída anualmente à província, no quadro do Orçamento Geral do Estado (OGE), tem sido suficiente para a concretização das acções preconizadas nos Programas de Investimento Público?

Os números constantes no OGE têm confirmado a tendência da economia do país. Aliás, o país vem atravessando um período conturbado devido aos efeitos negativos da queda do preço do petróleo. No entanto, o governo da Lunda-Norte tem procurado pôr em prática

acções para melhorar a situação económica e social, orientadas para o crescimento económico e geração de emprego.

Quais as principais dificuldades para a implementação dos projectos?

Nesse domínio, assinalamos quesitos de carácter transversal, tais como as causas decorrentes das restrições orçamentais, levando a que alguns projectos ou acções tenham sofrido ajustamento, em termos de execução. De igual modo, a instabilidade cambial contribuiu para pressionar os preços, no sentido ascendente e de forma galopante. A inflação continua a acelerar nos últimos tempos, desafiando a prossecução dos objectivos, principalmente na aquisição de

bens e serviços. O Plano Integrado de Intervenção nos Municípios (PIIM) veio, certamente, para reduzir muitas dificuldades.

Como é que o PIIM está a ser implementado na Lunda-Norte?

O PIIM representa um Plano que pretende aumentar a autonomia dos 164 municípios do país. Ao nível da Lunda-Norte, estão a ser executados projectos em seis dos dez municípios, concretamente em Xá-Muteba, Chitato, Cambulo, Lôvua, Cuilo e Lubalo.

O que falta para chegar aos outros municípios?

Toda a documentação processual ligada ao PIIM da província da Lunda-Norte já se encontram no Ministério

das Finanças para efeitos de certificação e validação dos projectos. Esperávamos que todos os municípios já estivessem em execução os respectivos projectos e que os procedimentos burocráticos, no Ministério das Finanças, fossem céleres.

Quando se fala em Lunda-Norte, pensa-se logo em diamantes. Como está este sector?

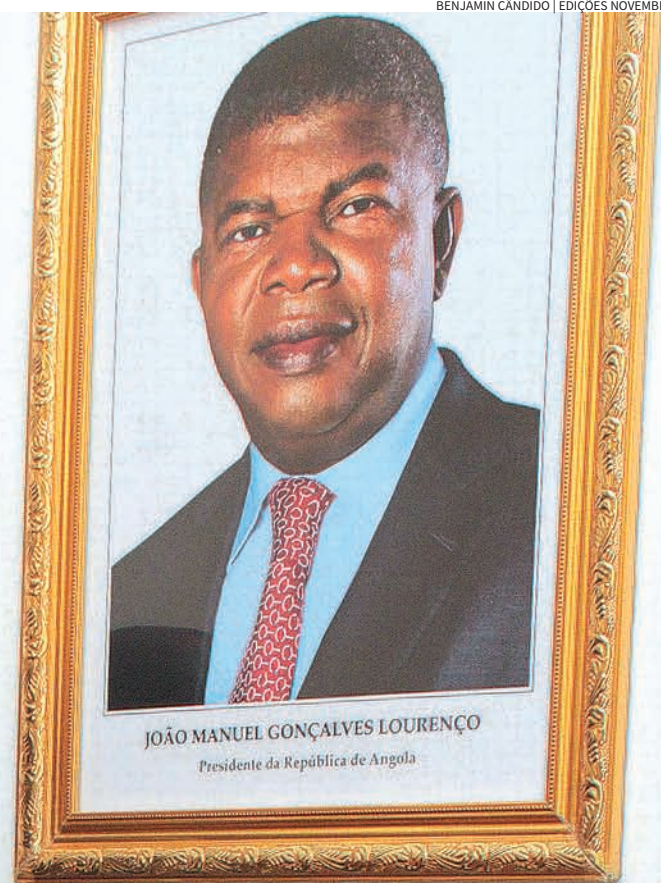
O nosso foco está na diversificação das actividades económicas. Queremos prosseguir com o programa de infraestruturização da província, de forma a assegurar o crescimento económico e a melhoria das condições de vida das populações. A prioridade é a definição e requalificação da rede viária provincial e intermunicipal,

sistema de distribuição e fornecimento de energia eléctrica, incluindo a iluminação pública e extensão dos sistemas de abastecimento de água.

Procuramos também incrementar a agricultura e a pecuária, evoluindo de uma agricultura rudimentar de subsistência para a produção de excedentes comercializáveis, promoção do comércio rural e a recuperação das antigas fazendas agropecuárias. Estamos também com as atenções voltadas para a produção de hortícolas, mandioca, batata-doce, frutas como banana e ananás em boa escala.

Concretamente que acções estão a ser realizadas no sector agro-pecuário?

Estão em curso acções que



BENJAMIN CÂNDIDO | EDIÇÕES NOVEMBRO

Formado em Medicina, Ernesto Muangala afirma que, nos últimos anos, a província registou avanços significativos no sector da Saúde, com a construção de estruturas sanitárias, formação de quadros e integração serviços antes inexistentes

visam a revitalização das antigas fazendas ou zonas agro-pecuárias da então Companhia de Diamantes de Angola (Diamang), com mais de 500 mil hectares, precisamente no Cossa, Maludi e Nordestes (município do Cambulo), Mucoloji (Chitato) e Calonda (Lucapa). Estamos a desenvolver acções de apoio à agricultura familiar, desde a entrega de insumos e máquinas agrícolas, assistência técnica com o objectivo de se aumentar os níveis de produção. Similarmente têm existido iniciativas para facilitar o acesso ao direito de superfície (títulos de concessões), em todos os sectores desde o empresarial, cooperativas, associações, e singulares, para permitir que tenham condições para o financiamento bancário. Assinalamos, também, com bom agrado uma acção já desencadeada que consiste num programa de erradicação da fome para mais de 350 famílias no município do Lôvua, a cargo do Governo japonês em parceria com o Ministério da Agricultura e Pescas. Após a sua concretização no Lôva, pode estender-se para os demais municípios.

A Fazenda Cacanda, no Chitato, absorveu cerca de 29 milhões de dólares de fundos públicos para revitalização e foi inaugurada em 2012. Qual o impacto na economia da província?

A Fazenda Cacanda, desde à inauguração até pelo menos no primeiro trimestre de 2016, teve resultados satisfatórios com a criação de galinhas poedeiras e bovinos para a produção de ovos e carne de abate, bem como as hortícolas e frutas para o mercado local. O excedente, por sua vez, era escoado para os projectos mineiros locais, província da Lunda-Sul e, também, para a República Democrática do Congo. Grande parte dos factores produtivos (matéria-primas) da fazenda era importado. Com a recessão económica, as coisas ficaram mais complicadas e, consequentemente, a empresa israelita Agrícola, responsável pela recuperação da fazenda, viu-se impossibilitada de operar, o que resultou na redução da produção e rescisão do contrato com o Executivo. Entretanto, surgiu no mercado, a empresa Gesterra

Criada da divisão da então província da Lunda, ao abrigo do Decreto Presidencial nº 86/78, de 4 de Julho, Lunda-Norte é a terceira maior província do país. Com 103.760 quilómetros quadrados de extensão, a província tem mais de 900 mil habitantes, nos seus dez municípios e 25 comunas, de acordo com os dados do último Censo Geral da População e Habitação

que, em parceria com a Agressurb, estão a fazer a gestão da fazenda. Admitimos que há muita oscilação na produção, chegando mesmo a não cobrir a demanda do mercado.

Qual é o impacto da exploração dos diamantes na vida social e económica da população da Lunda-Norte?

Desde sempre, os projectos e as sociedades mineiras foram chamados a inscreverem nos seus programas de trabalho, matérias ligadas a acções sociais, sobretudo junto das comunidades onde desenvolvem as actividades. São erguidas escolas e postos de saúde em algumas comunidades da nossa província e são, igualmente, intervenções algumas vias secundárias, que permitem a circulação de pessoas e mercadorias. Só para citar um exemplo de relevo, foi construído um complexo escolar no município de Caungula, que inclui dois internatos, sendo um masculino e outro feminino que aguardam apenas a inauguração. A dinâmica tem sido diversificar as actividades envolvendo as empresas diamantíferas em projectos com impacto económico e social para as comunidades da província.

Quais são as perspectivas para o Turismo na província?

Estamos a criar o perfil turístico da província, através da conversão da imagem do Samanhanga como logomarca do turismo local, além da promoção da lagoa Nacarumbo, que é uma das Sete Maravilhas do país. A nossa perspectiva é que a Lagoa seja um destino turístico da natureza, voltada para estudos científicos. Estamos, também, a trabalhar seriamente no turismo cultural. É importante, também, olhar para a expansão da capacidade da nossa rede hoteleira e de restauração, por via do investimento pri-

vado. Quanto a isso, a Lunda-Norte tem ainda muita caminho a percorrer.

Como estão as infraestruturas rodoviárias?

Conseguimos melhorias significativas. Vários troços, entre primários, secundários foram construídos e reabilitados. Hoje, a mobilidade de pessoas e bens é um facto na Lunda-Norte. A Rede viária fundamental da província é de mais de 2.254 quilómetros de extensão. Uma parte desse percurso necessita de obras de conservação e reabilitação para debelarmos o impacto da distância e do isolamento. Temos localidades que distam mais de 700 quilómetros da sede provincial. Estão em curso várias obras ligadas às infraestruturas rodoviárias em que destacamos: a Estrada Nacional 225, troço Cassassa / Matxibundo, com 26 quilómetros de extensão, para que sejam concluídos os 500 que totalizam o percurso da via; a Estrada Nacional 180-A, troço Lucapa / Txilumbica, 20 quilómetros de extensão; construção da Estrada Nacional 170, troço Caungula / Lubalo, com 87 quilómetros, além da Estrada Nacional 230, que compreende a requalificação do troço Capenda-Camulemba / Xá-Muteba, num percurso de 272 quilómetros.

Para quando a conclusão dos 26 quilómetros que restam da Estrada Nacional 225, tendo os constrangimentos resultantes da EN 230?

Tratando-se de um projecto de subordinação central, da alçada do Ministério das Obras Públicas e Ordenamento do Território, continuamos a aguardar que fique pronta. Existe uma empresa que continua a operar no terreno. Sabemos que o troço é complexo, porque apresenta desafios de especialidade técnica de engenharia.

É médico de formação e profissão, que avaliação faz do sector da saúde na província?

O sector da Saúde registou avanços significativos, no que diz respeito a infraestruturas, recursos humanos e aumento de serviços. Temos, agora, serviços de ultrassonografia, Tomografia Axial Computarizada -TAC, fisioterapia e electrocardiografia. Em termos de recursos humanos, até 2008, não existia nenhuma escola de ensino médio, na província. Portanto, praticamente não tínhamos também técnicos médios. Com a criação da Escola de Formação de Téc-



ARMANDO SAPALO | EDIÇÕES NOVEMBRO

O Plano Integrado de Intervenção nos Municípios vai permitir reforçar a província com 21 novas escolas. Até 2022, a Lunda-Norte precisa de 97 salas de aulas

nicos de Saúde, do nível médio, a província conseguiu formar 1.361 técnicos. Quanto às infraestruturas, foram construídos quatro hospitais municipais, totalmente equipados, no Cuilo, Lucapa, Capenda-Camulemba e Cuango.

Estas estruturas sanitárias têm serviços de ultrassonografia, laboratórios, electrocardiografia, salas de parto e serviços de Raio-X. Além disso, foram também construídos dois hospitais no Dundo, um geral e outro materno-infantil, incluindo centros e postos de saúde em todos os municípios. Na saúde pública, conseguimos a extensão, para todos os municípios, dos programas alargados de vacinação, Hiv-Sida e saúde materno-infantil, passando de 20 para 52 postos fixos de vacinação, o que permitiu aumentar a cobertura de vacinação na província. Ainda no domínio das infraestruturas, foram construídos 13 hospitais, 19 centros de saúde, 69 postos, perfazendo um total de 101 unidades sanitárias.

Qual é o impacto desta Escola de Formação de Técnicos de Saúde?

De 2011 até 2019, já formamos um total de 1.889 técnicos, entre pessoal auxiliar e técnicos de enfermagem. Temos também 24 médicos formados no país e oito em formação no exterior. Olhando para onde saímos,

conseguimos bons resultados. Reconhecemos, no entanto, que temos um longo caminho a percorrer. Considerando as projecções demográficas, existe ainda um défice, comparado aos critérios definidos pela Organização da Saúde (OMS), que determina que, para cada cinco mil habitantes devem existir um posto de saúde e um centro, para cada 20 mil.

Como está o sector da Educação? Quantas salas de aula são necessárias pelo menos nesta fase?

Tendo em conta o crescimento demográfico da população com idade estudantil e pela superlotação que se tem verificado nas salas de aula, precisamos de 1.999 salas de aula, pelo menos até 2022. Com o PIIM, a província terá, para os próximos anos lectivos, um total 21 novas escolas, que vão possibilitar o surgimento de 185 salas de salas de aula. Estas escolas vão contemplar o Ensino Primário e o 1º Ciclo do Ensino Secundário Geral, uma vez que é nesses subsistemas que se regista maior índice de superlotação.

O que está a ser feito para reduzir os focos de imigração clandestina e o garimpo de diamantes?

Os principais factores que originam esses fenómenos são o modo e nível de vida das populações fronteiriças, tanto de Angola quanto da República Democrática do Congo (RDC), país com o qual partilhámos uma extensa fronteira de 770 quilómetros. Temos questões como a facilidade na transposição da fronteira nacional e a incapacidade em termos de protecção física das áreas por parte das recém-criadas empresas de exploração semi-

industrial de diamantes. Há também factores culturais e sociológicos, antropológicos e outros. No entanto, avaliamos de forma positiva a Operação Transparência, que vem combatendo a imigração ilegal, a exploração e o tráfico ilícito de diamantes. O combate vai prosseguir de forma permanente, através da conjugação de esforços entre as Forças de Defesa e Segurança, empresas de exploração de diamantes e as acções do governo de satisfação das necessidades básicas da população contra a fome, criando condições de saúde pública e formação académica.

Como é que a Lunda-Norte está a preparar-se para as Autarquias?

Estão a ser preparadas medidas de uma forma estratégica. O primeiro exercício tem a ver com a preparação de quadros capazes de assumir as responsabilidades do nosso paradigma em alguns municípios, bem como as estruturas para o poder Autárquico. No âmbito do PIIM, vão ser construídos três complexos residenciais administrativos e autárquicos no Lôvua, Cambulo e Caungula. Cada estrutura vai comportar dois pisos e 18 apartamentos.

A província procura, também, adoptar políticas públicas levadas a cabo pelo Executivo no que diz respeito ao desenvolvimento equilibrado do território nacional e a existência de serviços públicos municipais de qualidade, fazendo com que a Lunda-Norte desenvolva iniciativas e acções de preparação do Balcão Único de Atendimento ao Público (BUAP), levantamento de limites geográficos entre municípios, comunas, distritos, bairros e aldeias e o depósito de referência.

ARMANDO SAPALO | EDIÇÕES NOVEMBRO



■ DESENVOLVIMENTO

Aproveitar as potencialidades para produzir os alimentos que a província precisa



Isidoro Samutula

O desenvolvimento da província da Lunda-Norte depende da diversificação da economia, por via de investimentos concretos nos sectores da agricultura, pecuária, pescas, energia, águas e transportes. A afirmação é do economista e docente universitário José Cangolo. Ao avaliar os 42 anos desde a transformação da província, o académico sugere às autoridades forte comprometimento com o futuro e bem-estar das populações, para atrair potenciais investidores e garantir um processo contínuo e sustentável dos outros sectores da economia.

A falta de cultura empresarial, na sua opinião, tem provocado um impacto negativo nas políticas traçadas pelas estruturas centrais do Executivo voltadas para os vários sectores económicos que deveriam constituir indicadores para o crescimento do desenvolvimento da Lunda-Norte.

“Não se pode falar de desenvolvimento, sem antes olhar para os indicadores do crescimento. A Lunda-Norte é uma terra abençoada, pois tem inúmeras potencialidades, desde solos aráveis e recursos hídricos, aliado ao facto de, nos últimos anos, ter beneficiado de projectos estruturantes de reabilitação e construção em algumas estradas nacionais”, sublinha o académico, apontando alguns factores capazes de alavancar a economia, garantir emprego e rendimento para as famílias.

Cooperativas podem acelerar a agricultura

O economista defende a criação de cooperativas empresariais em todos os municípios da província, com o apoio do Governo, para o desenvolvimento da agricultura mecanizada e promover a produção local, principalmente da mandioca.

José Cangolo garante que a Lunda-Norte é uma referência em termos de produção em grande escala da mandioca e está entre os principais fornecedores da fuba de bombó consumida no país. Mas vê um problema: as cooperativas existentes não têm capacidade técnica, financeira nem mesmo infraestruturas para desenvolver actividade empresarial.

“Em 42 anos, o Governo da Lunda-Norte tinha todas

“A Lunda-Norte é uma terra abençoada, pois tem inúmeras potencialidades, desde solos aráveis e recursos hídricos, aliado ao facto de, nos últimos anos, ter beneficiado de projectos estruturantes de reabilitação e construção em algumas estradas nacionais”

as condições para que a província se especializasse no cultivo da mandioca e assegurar mecanismos para a sua transformação”, declara o docente da Faculdade de Economia da Universidade Lueji A’Nkonde.

As potencialidades agrícolas da Lunda-Norte, não se circunscrevem única e exclusivamente na mandioca. A fuba de bombó é bastante apreciada e a qualidade seria um excelente indicador para uma aposta séria na produção, transformação e exportação do produto. Mas o economista

aponta outros tubérculos de grande valor nutricional, como a bata-doce e o Inhame. Apesar das potencialidades, a Lunda-Norte não é auto-sustentável em produtos como a cebola, tomate, cenoura, kiabo, repolho, couve e a pimenta, que chegam do Centro e Sul do País. “A província precisa de empresários que apostem seriamente no sector da agricultura para contribuírem no relançamento da economia local, aproveitando as condições existentes do solo e dos recursos hídricos”, frisou o economista.

Uma das saídas para garantir a segurança alimentar e nutricional, reduzir a importação de produtos agro-pecuários, bem como promover a criação de postos de trabalho, além dos diamantes, seria a Fazenda Cacanda, reabilitada pelo Executivo com custos de 29 milhões de dólares.

O economista lembrou que os investimentos do Executivo na Fazenda Cacanda, criaram muitas expectativas cuja produção, poderia atingir níveis consideráveis e garantir o abastecimento de produtos nos mercados da Lunda-Norte, Lunda-Sul e Moxico.

O académico garante que os objectivos que levaram a reabilitação e modernização do Projecto Agropecuário da Cacanda, não foram atingidos, pois a província não sente os efeitos da sua existência.

O brilho dos diamantes

Como uma província reconhecida pelos diamantes que produz e exporta possui altos níveis de pobreza na sua população? “A pobreza da população da Lunda-Norte, deriva da riqueza que possui. Isso influencia de forma negativa no seu custo”, revela José Cangolo. A resposta parece uma contradição. Mas o economista esclarece: “A província deveria beneficiar, de forma directa, de um valor proveniente das receitas fiscais de exploração e dos despachos aduaneiros de exportação dos diamantes. Tais receitas, iriam permitir ao Governo Provincial distribuir rendimento às pessoas desfavorecidas, construir infraestruturas sociais nas localidades de exploração”.

Para José Cangolo, o sector diamantífero é o único com capacidade para garantir o desenvolvimento económico da província, uma vez que os indicadores apontam que a produção tem vindo a atingir níveis satisfatórios. “Em termos concretos e de forma directa, a população da Lunda-Norte ainda não sente os benefícios da actividade”, refere, para lembrar, igualmente, a responsabilidade social das empresas diamantíferas, que devem proporcionar a qualidade de vida às populações que vivem nas zonas de exploração.

Constrangimentos aos investimentos

“Do ponto de vista económico, a indústria não pode funcionar dependendo de fontes alternativas, tendo em conta os elevados custos operacionais”, desabafa José Cangolo, para acrescentar: “A economia não funciona sem a energia nem água. Para o desenvolvimento económico da província, os dois sectores são fundamentais e a Lunda-Norte necessita de grandes investimentos”.

O economista lamenta o facto de as grandes quantidades de recursos hídricos disponíveis não serem devidamente aproveitadas. O docente universitário reconhece que a situação da energia eléctrica pode registar melhorias substanciais, com a conclusão das obras de aproveitamento hidroeléctrico e aumento de potência da central do Luachimo que, além do Chitato, vai fornecer os municípios do Cambulo e Lucapa.

Nas estradas, o economista destaca os investimentos feitos pelo Executivo para ligar os municípios, mas afirma que há ainda muitos desafios pela frente. Um dos grandes problemas reside na ligação da província ao litoral, pois, o elevado estado de degradação da Estrada Nacional 230 cria muitas dificuldades aos operadores na transportação de pessoas e mercadorias essenciais.

O economista lembra que algumas empresas têm beneficiado de autocarros para o transporte público, mas ainda persistem problemas de mobilidade. O sector empresarial dos Transportes, segundo José Cangolo, deve tirar maior proveito dos investimentos nas vias de comunicação, para promover a circulação intermunicipal. Sector fundamental para o desenvolvimento económico, os transportes, na Lunda-Norte, aguardam por empresas públicas para velar pela mobilidade das pessoas, principalmente nas rotas intermunicipais, segundo o economista.

Fazenda Cacanda, um gigante em queda livre

Inaugurada em 2012, no município do Chitato, sob gestão da Agricultura, empresa israelita responsável pela execução das obras de reabilitação das antigas infraestruturas da então Companhia de Diamantes de Angola, o Projecto Agropecuário de Cacanda estava projectado para abastecer a província e, depois, exportar para a região.

O investimento de 29 milhões de dólares, de fundos públicos, tinha como propósito revitalizar a estrutura, edificada numa área equivalente a cinco mil campos de futebol, para produção de



A fazenda já produziu, até 2006, vinte mil ovos por dia

ovos, hortícolas e carne bovina de abate. Até 2016, chegou a produzir vinte mil ovos por dia, 11 toneladas de carne de

abate por mês. O número de bovinos ascendia as 400 cabeças. Em 100 estufas, de 25 metros cada, num total de

3,6 hectares, a safra era de cinco toneladas por semana de produtos diversos.

Entretanto, desde o ano 2017, altura em que o Ministério da Agricultura e Pescas entregou a gestão da fazenda à empresa privada Gesterra (que trabalha em parceria com a Agressurb), os níveis de produção caíram, assustadoramente. A força de trabalho, que era 169, até 2016, ficou reduzida para menos de 50, que asseguram pequenas actividades. José Cangolo não tem dúvidas: a Fazenda Cacanda “está praticamente em queda livre”.